

No exercício radical de um projeto de luta e de transformação política, em sua prática combativa, nômade e apaixonada, Navarro Swain convoca leitoras/es para romper com esse “cego assujeitamento”, e sugere a quebra dos grilhões do natural, e das novas servidões que se anunciam e se imprimem nos corpos. O capítulo exprime um produto e um momento na trajetória das práticas e das resistências feministas, mas todo o livro é objeto de leitura obrigatória para aquelas/es que se inquietam, que querem transformar o mundo, que lutam para ampliar as fronteiras da crítica política e social, e para isso, procuram adentrar ou invadir temporalidades e lugares inusitados do pensamento e da ação.

Michel Laub – *O gato diz adeus*

São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Igor Ximenes Graciano

A relação da literatura com a vida, queira ou não, sempre foi um problema para os que se propuseram a analisar a obra literária, ou, melhor dizendo, que se voltaram para sua compreensão no âmbito dos conhecimentos humanos. Não à toa que o texto tido como inaugural dos estudos literários, a *Poética* de Aristóteles, instaurou desde então o dualismo crasso: o lado de lá e o de cá da criação ficcional, ficando no meio o processo de mimese, a imitação do mundo, dos homens. Não contando o que houve, como a História, a literatura conta o que pode vir a ser, sendo por isso semelhante à vida, comovendo quem porventura se depare com tais “irrealidades”.

Daí que representar o mundo, os homens, mais que uma questão de técnica narrativa, tornou-se também uma questão ética, pois os indivíduos representados na ficção não raro se confundem com os indivíduos de carne e osso e sentimentos que transitam por aí, pelas ruas, coletivos e salas de aula... O vulto que surge no espelho da criação literária é quase tão tangível quanto o corpo, uma vez que durante o acordo tácito da leitura a ficção nos afeta como um fato da vida, uma história que ouvimos falar e que nos inquieta enquanto possibilidade. Afinal, não é a vida também um conjunto inumerável de possibilidades? De circunstâncias que poderiam ter ocorrido ou que podem vir a ocorrer? Se no dia a dia o fato se faz evidente, não seria

também evidente a possibilidade sempre iminente de outros fatos, paixões, desencontros, dor de dente?

A literatura de Michel Laub tem se destacado por sua semelhança com a vida. E não se trata aqui de uma afirmação sobre o realismo de suas narrativas. Não caberia essa ingenuidade diante de *O gato diz adeus*. Se o romance pode revelar a vida, a vida retratada no romance pode também dizer algo a respeito da prática literária, suas motivações. Mas quais seriam elas, afinal? O que a literatura, quando aponta para a vida, diz dela própria? O que na vida torna a literatura irremediável, pelo menos para alguns?

Um triângulo amoroso é o centro da trama de *O gato diz adeus*. A velha trinca formada por uma mulher e dois homens: Márcia, Sérgio e Roberto. Como sempre, o amor em si, repleto e sereno, dificilmente se prestou à literatura. O amor na literatura só é sereno enquanto fantasia, como nos encontros idílicos de Marília e Dirceu numa Vila Rica sem lugar na história. Na literatura que se aproxima da vida, o amor é um problema, algo que não se resolve amorosamente, pelo contrário, dando vazão aos discursos que tentam se legitimar, às versões contraditórias, ao jogo.

É assim também em *Um gato diz adeus*, uma história repleta de versões, uma disputa psicológica entre os personagens que se transporta para a estrutura do romance. Trata-se de um enredo imbricado, com perspectivas dissonantes, em que uma delas, porém, carrega a prerrogativa do jogo, suas regras. Sérgio é o escritor, mais um em meio a tantos outros no papel de protagonista em narrativas de ficção. O escritor que fala no romance, que age, que divide espaço com outros personagens, transitando entre eles, discutindo e, no caso, lutando por sua versão da história. Se Márcia e Roberto estão ali, “falando” ao leitor, Sérgio não os deixa de tratar como personagens, manipulando seus movimentos, estudando seus gestos, caracterizando-os:

Para ser completa, esta comédia tem de ter alguns lances típicos: Roberto como o professor recém-empossado, ainda sem vínculo próprio, sentado num vagão quase vazio. O professor ascendente lendo aqueles anúncios sobre passagens aéreas com desconto ou uma escola de idiomas que promete resultados em quarenta e oito horas. O professor ascendente se preparando para trair seu melhor amigo, aquele que o pôs no cargo, aquele que o apresentou à mulher. O professor ascendente que é a imagem da própria pequenez ao caminhar pelas ladeiras do nosso bairro, um pangaré em busca de um pouco de alfafa, vamos, Roberto, é hora de passar pelo ritual: logo

you will pick up the phone and I will receive pretending that I do not perceive your false, bovine, of whom comes carrying a bottle of wine and pulling conversation as if it were to pass by that everything is incolum, without having to pay the pedágio for the sake of the madness of Márcia (p. 28).

Essa manipulação, esse olhar de cima do escritor fica evidente durante toda a narrativa. Sérgio empreende a vida – sua própria vida – como se escrevesse um romance, captando os fios da trama, discorrendo sobre a razão dos personagens... O jogo metalinguístico deixa de ser algo a ser imbuído das entrelinhas, a ser descoberto sob a sutileza da composição literária. O lado de lá e o de cá da imitação romanesca esvaece quando a vida é vivida como um romance, quando a vida é um romance. *O gato diz adeus* é a motivação e o resultado de uma história que aos poucos se descortina. “O passado e o futuro numa coisa só”, como esclarece o subtítulo da primeira parte.

Inicialmente para três vozes, a narrativa traz contudo outras nuances, outras vozes. Estamos diante de um caso público. A vida privada, se misturada ao romance, deixa de ser privada, invadindo as páginas dos cadernos literários com resenhas e entrevistas, além dos leitores, ou uma leitora em especial, Andreia. Essas vozes surgem para completar o extenso mosaico composto pela trajetória de um livro, desde sua criação até a publicação e recepção: Márcia, a personagem, a atriz conduzida por seu “diretor”, Sérgio: “Ele manipula o tempo inteiro. Ele sabe que vou ceder mais cedo ou mais tarde. Que sempre estive à mercê dele” (p. 27). Roberto, o professor universitário, o crítico, que reage com uma resenha intitulada “O anão moral”, em que ataca o escritor. Andreia, por fim, uma leitora implicada, como todos, que busca no romance algo que lhe diga respeito, que lhe mostre algo...

Certa vez, Luiz Costa Lima asseverou que os textos de ficção são “representações de representações”. Para ele, o “grande teatro do mundo” indica essa brecha em que o ficcional se encontra com o real, uma vez que ambos se compõem da mesma substância: o imaginário como elemento que nos constitui, e que determina nossa relação com o outro. O espelhamento do literário não pode ser inocente porque advém da compreensão que nos orienta no mundo. A prosa de ficção especialmente – mas também a poesia e o teatro – é capaz de elucidar a precariedade de algumas representações, já que não caberia qualquer discurso implacável, absoluto, no espaço mo-vedigo da criação.

Em *O gato diz adeus*, Laub adentra essas questões sem que os personagens percam sua veracidade, transformando-os em máscaras. Sua ficção se parece com a vida, inclusive no que ela tem de obscuro e às vezes inexplicável. Apesar das muitas vozes, das versões e perspectivas apresentadas para uma mesma história, Andreia, ao se questionar sobre o que “ele deixou de fora do livro” (p. 63), está apontando para a insuficiência não só do romance de Sérgio, mas de toda explicação possível, ficcional ou não, para a violência, o desespero, a morte.

E assim prossegue o desatar dos nós... A malha retorcida da narrativa aos poucos se estende aos olhos do leitor como uma notícia de jornal. Uma notícia, não uma explicação. Algo que pode ser lido de modo linear, uma sequência de fatos que encontra finalmente seu desfecho. Contudo, o amor e suas consequências permanecem como um mistério, apesar das versões, apesar da obra. O gesto literário de Sérgio, reprovável ou não, não explica nada, sequer é capaz de fazê-lo. A escrita aqui é uma declaração torta de amor, uma extensão da vida com todos seus possíveis vícios, por vezes algumas virtudes. Em *O gato diz adeus* a literatura parece mesmo com a vida. O resto é silêncio.

Rinaldo de Fernandes – *Rita no pomar*

Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

Luiz Antonio Mousinho

Rita no pomar, de Rinaldo de Fernandes, é uma narrativa de fuga. Isso se percebe mesmo que não se leve em conta o dado do enredo ocultado do leitor pela paralipse narrativa. Ou seja, pela informação que poderia ser mostrada conforme o ponto de vista predominante, mas é escondida, elidida, para a exploração posterior. A fuga no romance, além de literal (como saberemos ao final), é fuga interior, fortemente construída na sondagem do mundo íntimo e da memória da personagem, pelos monólogos interiores, pelo fluxo de consciência, pelo artifício esperto do monólogo em voz alta com o cachorro Pet.

Acompanhamos os fatos narrados pela repercussão deles na percepção da personagem. A paulista Rita muda para um recanto do litoral da Paraíba, um lugar imaginário chamado Pomar, próximo à geografia física e humana de seu entorno referencial